ANO 1.º — LISBOA — TERÇA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 1921 — N.º 143

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O SR. ministro das finanças vê-se embaraçado para continuar a gerir a sua pasta desde que não receba do Parlamento poderes mais amplos do que aqueles de que actualmente dispõe. Não lhe é facil, nestas horas de procela financeira e de descalabro comercial, accionar com a indispensavel energia, sem que lhe seja concedida a liberdade de tomar medidas que prontamente ceifem os males que nos afligem.

O chefe do governo vai especialmente convocar um conselho de ministros, no qual será debatido certo assunto importante que o sr. Vicente Ferreira apresentará.

Segundo nos informam, o sr. ministro das finanças está na disposição de demitir-se, a não ser que as Camaras o habilitem com a autorização necessaria para entabolar negociações tendentes a crear creditos externos. Naturalmente o governo resolverá convocar o Parlamento na primeira semana de outubro, um mês antes, portanto, da data fixada para a sua reabertura.

Não falta quem assegure que dificilmente se conseguirá numero para a efectivação dessa sessão extraordinaria. Se tal suceder, o sr. ministro das finanças provocará imediatamente uma crise ministerial, não aguardando sequer que seja feita segunda convocação.

* * *

SABEMOS que os bancos estão animados da melhor boa vontade, para cumprirem o recente decreto sobre as cambiais.

As cauções não teem sido exorbitantes —150, 350, 400 e 500 contos. As casas estrangeiras mostram-se contentes. Já começam a aparecer autorizações para a venda de cambiais.

Sabemos que o sr. ministro das finanças está decidido a fiscalizar devidamente se as autorizações visam propriamente a especulação ou interesses legitimos, necessidades imperiosas.

E' seu proposito tambem perseguir os particulares que maquinem negocios e transacções que não sejam legais.

* * *

O FACTO de as oposições se haverem recusado a habilitar o governo com a autorização necessaria para negociar qualquer operação de credito, póde considerar-se uma ideia infeliz.

Não ha tempo a perder nem palavras inuteis a proferir.

A convocação do Parlamento, antes de 7 de Novembro, vai concorrer precisamente para contrariar esta dupla necessidade da hora em que vamos.

Depois, a nossa situação financeira é tão melindrosa que melhor fôra não provocar a respeito dela alguma daquelas tempestades parlamentares que, sendo nulas quanto a resultados, tem, no entanto, o raro condão de mostrar que nós nem ao menos temos o sentimento do que devemos calar.

* * *

DEVE ser publicado ainda esta semana o decreto sobre exportação de madeiras. Será mantida a sobretaxa sobre a madeira não preparada e diminuida a que ncide sobre madeiras preparadas.

O novo ano lectivo

Estamos em vesperas da abertura das escolas de qualquer grau e natureza de ensino que sejam. Os mestres, ao reunirem-se pela primeira vez com os seus alunos, não deixarão de proferir as classicas palavras de saudação, incitando ao mesmo tempo a juventude ao estudo, pois que, se o homem carece do pão do corpo, tambem necessita uito e muito do do espirito.

Sobre este inicial rufo de retorica borracheirona, encetar-se-há o que é de costume denominar-se—o novo ano lectivo.

Que se ensina? Que se aprende?

Estas duas preguntas desasocegam-nos, visto que não sabemos muito bem como responder-lhes. De Outubro a Agosto, a sciencia corre dos labios dos mestres para os ouvidos curiosos dos discipulos, sem que estes adquiram por isso um ascendente notavel sobre os filhos da gente humilima, geralmente privados de tamanho bem.

Porque se dá um caso assim estupendo da improficuidade do esforço docente?

Algúem que sabe o que diz e que tem a responsabilidade das suas opiniões quiz convencer-nos há dias que o nosso professorado não compreende bem a natureza da sua missão, tendendo a materialisá-la, como se lecionar o mesmo fosse que vender bacalhau ou passas de figo.

Não nos atrevemos a contrariar um homem que não leva a bem que discordem dele, mas a verdade é que não conseguiu convencer-nos.

E' possivel que haja no nosso professorado criaturas que alem de diplomadas, não tenham outro merito, pedagogicamente recomendavel. De estranhar seria que assim não fose. Os competentes, porém, abundam.

Porque é que o seu esforço não dá o rendimento que era de esperar?

O ensino, dada a tormenta em que se debate a sensibilidade e a inteligencia modernas, não representá um interesse, uma preocupação, uma esperança terrestre ou celeste. E' qualquer coisa de velho, de desbotado e de tropego. A saida das aulas, os escolares encontram logo atractivos muito superiores aos da arte de estudar. O professor parece-lhes um tirano, os livros um suplicio. Andam sempre em guerra aberta com aquele e com estes. O ensino, para ser interessante, tem que ajustar-se com o ritmo da vida, traduzindo as palpitações e aspiações desta. Emquanto assim não fizer será um luxo, como outrora a carreira das armas para os nobres.

SOLUÇÃO DIFICIL...

(De *La Baïonnette*)

— V. ex.ª só tem um caminho a seguir: o divorcio.
— Impossivel! O doutor não sabe que não somos casados?

QUANDO a celebre Loie Fuller, ha cêrca de vinte anos, visitou pela primeira vez a França, as suas dansas luminosas fizeram andar á roda muitas cabeças de novos e velhos. As notabilidades das sciencias, das letras, das artes e do teatro faziam «bicha» á porta do seu camarim.

Um dia estava o astronomo Camillo Flammarion em casa da encantadora dansarina, quando entrou casualmente Alexandre Dumas, filho. Os dois homens não se conheciam.

Loie Fuller, preparando-se para os apresentar, manifestou deste modo a sua estranheza, num francês fortemente acentuado á americana:

—Como, sr. Dumas?! Não conhece o sr. Flammarion?!

Resposta de Dumas:

—Não podemos conhecer-nos, porque não habitamos o mesmo planeta. Este senhor vive no ceu e e eu vivo na terra.

Flammarion replicou imediatamente:

—Só uma «estrela» nos poderia juntar.

* * *

O cargo de governador de Cabo Verde, presentemente vago, está despertando cobiça entre os liberais que se sentem fadados para dirigir uma provincia.

E' bom que os apressados se não esqueçam de que ao Senado pertence pronunciar-se sobre a escolha.

* * *

O Conselho de Arte e Arqueologia seria digno do aplauso de toda a gente de bom-gosto classificando de monumento nacional certa construção em forma de jazigo, que a Camara Municipal mandou erguer no iargo de S. Domingos, demonstrando o quanto se interessa pelas necessidades dos seus municipes...

* * *

O SR. ministro do comercio pensa na substituição do pessoal administrativo dos Transportes Maritimos do Estado.

* * *

NA Arcada correu hoje que por acordo entre a Italia e a Inglaterra e depois de ouvido o nosso governo, a Inglaterra concedera á Italia uma zona comercial em Angola.

O sr. Melo Barreto, interrogado ácerca do boato, respondeu que ele era falso.

* * *

PARA Elvas seguiu hoje o alferes sr. José Pedro Povoas, a fim de cumprir trinta dias de prisão correccional, pena que lhe foi imposta por ter apresentado uma reclamação, dispensando-se de a fazer chegar ás mãos dos seus superiores, pelas vias competentes.

* * *

O SR. Antonio Belo que hoje foi ouvido pelo sr. dr. Reis Junior ácerca do contracto dos cincoenta milhões, não tinha ainda sido chamado a preguntas, como erradamente nos disseram ontem, tendo comparecido no governo civil logo que recebeu a intimação.

UM EPISODIO POUCO CONHECIDO
DA
REVOLUÇÃO DE 5 DE DEZEMBRO

SIDONIO PAIS ESTEVE PRESTES A SER ASSASSINADO NO SEGUNDO DIA DA INSURREIÇÃO

Em carta cuidadosamente lacrada, alguem nos envia uma meia duzia de linguados em que se descreve um episódio pouco conhecido da revolução de 5 de Dezembro: uma tentativa de assassinato do sr. dr. Sidónio Paes. Não costuma o Diário de Lisboa *publicar cartas anonimas; no entanto, como da publicação do escrito que nos enviam não resultam responsabilidades para ninguem, antes se contribue para o esclarecimento de um episódio da politica portugueza, resolvemos dar-lhe publicidade, certos de que os leitores aplaudirão tal resolução.*

A confusão, a desordem das primeiras horas do movimento, desaparecera. Naquele pedaço grande de terreno, batido pelo sol débil do começo da manhã, havia centenas, senão milhares de homens de todos os crédos, que a discordancia com a situação politica reunira para uma luta decisiva que, como condição primacial de triunfo, exigia uma subordinação completa ao chefe militar da revolta, que todos de boamente acatavam. Nem gritos pela revolução social, nem gritos pela monarquia; nas conversas que se murmuravam em grupo, só fracamente era batida a nota da discordancia com a intervenção na guerra, que naquele momento obrigava dezenas de milhares de portugueses, a enfrentar a morte nos campos de batalha da Flandres.

Tinham-se rasgado trincheiras, que iam de Campolide ás terras que limitam a Rotunda. Militares e civis, num entendimento sem reservas, colaboravam na defeza do campo de revolta, em que flutuava a bandeira verde-rubra do regime, precedida de uma flamula vermelha que marcava a diferença com o governo que, lá em baixo, no Terreiro do Paço, pretendia afogar a revolução num oceano de metralha.

O diálogo de artilharia, travado durante a madrugada, cessara há pouco. As oito peças postas em bataria na colina do Parque Eduardo VII, a que faz fundo o perfil cheio de pormenores da Penitenciária, descansavam agora do duelo, durante tantas horas energicamente sustentado, com os canhões dos vazos de guerra.

* * *

Na revolução de 5 de Dezembro, mercê de acontecimentos de ordem social que a precederam, tomou parte grande numero de elementos operários. Na retina de uns, ainda se conservava fresca a tinta vermelha do morticinio da Calçada do Combro; na de outros, a prisão em massa dos grevistas dos correios e telegrafos. Não estavam ali por uma razão de politica—estavam por uma razão de vingança. A politica rigida, sem maleabilidade, de Afonso Costa, arremessara-os para a revolução e eles ali se encontravam, iluminados pelo seu misticismo social, colocados em atitude que bastante diferia das doutrinas tolstoianas. Depois, outra razão tinham. No edificio que a poucas centenas de metros erguia as suas paredes grossas de cárcere, nas prisões espalhadas pelo paiz, dezenas de homens privados de liberdade, comiam o pão negro do cativeiro. Os motins populares, as *greves*, o saque dos estabelecimentos de assambarcadores, compeliram os governos a tal procedimento. E d'entre eles, um havia, que os sindicalistas de 5 de Dezembro, pretendiam libertar por qualquer preço. Era João Gonçalves Tormenta. O nome recorda uma orgia repugnante de sangue:—o assassinio, nos primeiros anos da Republica, de um administrador de concelho visinho da capital. Nunca se averiguara bem quem era o autor do crime, porque ele fôra em verdade cometido pela multidão anónima, cobarde na sua irresponsabilidade. No entanto, acusado Tormenta, os juizes condenaram-no e ele ali estava, na Penitenciária próxima, emquanto os seus camaradas em armas auxiliavam os empresarios da revolução, na transformação da fisionomia politica do paiz...

* * *

O sol, agora, punha linguas de fogo no aço dos canhões e nos dourados das fardas. Proximo ao local onde Sidonio Pais erguera a sua tenda de chefe de revolução, um grupo se formara, que de minuto para minuto ia engrossando. A discussão, a principio travada em timbre baixo de voz, erguera-se pouco a pouco, tornando-se, por fim, gritaria de comicio publico. Voavam frases no ar:

—Tormenta tem que vir para a rua!

—Não pode ser, não pode ser. Estamos a dar o corpo ao manifesto, só para que estes senhores ámanhã nos possam fuzilar?...

—Peça-se a Sidonio a liberdade dos presos! Exija-se mesmo!

No bando em que se contavam agora, bem à vontade, duas centenas de homens, havia de tudo. A lado do jaquetão o fato de ganga; ao lado do trabalhador de infima categoria, de vestia esfarrapada, o artista de traje cuidado. Pensavam já no envio de parlamentarios a Sidonio Pais. Chegou-se a alvitrar a eclosão de uma insurreição dentro da insurreição. Mas na cartada todos tinham trunfos de igual valor comprometidos, razão porque o desejo de negociar vincou maioria.

Sidonio Pais recebeu aviso do que se passava. E o silencio sucedeu-se ao burburio quando, a cortar caminho á turba, surgiu o chefe militar do movimento, gentil na sua farda de oficial do exercito, montado em cavalo de raça apurada. Alguns, poucos, amigos o acompanhavam. Que havia? Que pretendiam aquelas tres centenas de insurreccionados, que com tanto ruido se estavam manifestando? A resposta ás interrogações de Sidonio Pais surgiu logo da várias bôcas. Restabeleceu-se a desordem. Depois, reconhecidos os inconvenientes do processo, todos tacitamente delegaram a exposição das suas razões em V. M., homem baixote, operario da construção civil, que bastante se distinguira nas lutas travadas há pouco pela sua classe.

Ele atroou durante uns cinco minutos o ambiente com a sua voz metalica. Os operarios tinham fornecido quasi todo o elemento civil á revolução. Sem êles, esta era uma utopia de perigosa realização. Pois bem, exigiam o cumprimento das condições estabelecidas. Uma delas, a libertação dos presos, podia ter desde já um começo de efectivação, pois a Penitenciaria pouco distava dali. Era necessario, portanto, libertar Tormenta e os demais presos por questões sociais.

Sidonio Pais opôz uma recusa terminante á imposição. Não. E, alteando o busto, vibrou um olhar de despreso no grupo. Elevaram-se vozes, gesticulou-se com violencia, mas a negativa manteve-se. Então, V. M., congestionado, o rosto reflectindo a perturbação do espirito, gritou-lhe, apontando a carabina ao peito:

—Ou v. ex.ª liberta Tormenta ou morre!

Sidonio Pais ficou estupefacto. Depois, num gesto rapido, puchou da pistola. A comoção dominou os espectadores desta scena. O assombro colara-lhes as plantas dos pés ao solo. Ninguem se moveu ante a iminencia daquele duelo de morte. V. M. conservava a carabina apontada; o chefe militar de 5 de dezembro a pistola em acção de fazer fogo.

Apareceu, então, entre aquela multidão de estatuas, um homem. Segurou o braço de Sidonio Pais e reclamou de V. M. ponderação. C. M. F., elemento do 27 de abril, que se encontrava presente, pediu a libertação de Tormenta, lembrou os serviços prestados á revolução.

Sidonio Pais deixou-se comover. De resto, inutil era a resistencia. O episodio tivera a duração de um relampago. Se ele continuasse a negar a liberdade de Tormenta, a morte podia-a ter como certa. Cedeu, pois, mas com o coração cheio de raiva, ao ver o seu orgulho de chefe militar e de politico dobrado pela fôrça das carabinas dos operarios insurreccionados...

* * *

O ressoar das coronhas obrigou a Penitenciaria a descerrar as suas portas. Os presos por questões sociais foram arrancados das celas e Tormenta logo rodeado por elementos representativos da organização sindicalista, transportado á casa de A. F., na rua do Sol ao Rato. E ali, emquanto o canhoneio, que recomeçara, mantinha a cidade em sobressalto, Tormenta, detido há mais de quatro anos deu largas á sua alegria de homem que torna a ver, livremente, a luz gloriosa do sol. Sidonio Pais, mais tarde, mandou-o prender, tornando-o depois a restituir-lhe a liberdade. Esquecêra depressa a morte que tão vizinha dêle estivera, naquele pedaço de terreno do Parque Eduardo VII, e não sonhava, sequer, que ia ao encontro da trajectoria da bala que, mais tarde, lhe devia arrancar a vida naquela triste, funeria, «gare» do Rossio...

L. C.

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS
DAS MELHORES PROCEDENCIAS
CORREIA INGLESA "LAMBOURNE" EM COURO OU BALATA
AGENTES NOS PRINCIPAIS CENTROS INDUSTRIAIS DO MUNDO
PLATÃO A. PEIG, L.TDA
ESCRITORIOS: CAIS DO SODRÉ, 52, 1.º LISBOA TELEF. C-5279
EXPOSIÇÃO: RUA CORPO SANTO, 31, 33 TRAV. CORPO SANTO, 11, 15

OLHEIRAS

IMPRESSIONISMO
de
Mariano Gracias

Que palida estás, que linda!
Garrett

A' volta dos teus olhos
ha canteiros de violetas.
Eugenio de Castro

As tuas olheiras,
As olheiras do teu rosto,
Palido como o luar de agosto,
Profundos, tristes, idealistas,
São duas pulseiras
De ametistas!
Coroas de violetas
Para engrinaldar poetas
E artistas,
E p'ra depôr no meu caixão.

As tuas olheiras arroxeadas,
Todas pizadas,
Oh! dão-me a sugestão
De duas tenazes de ferro
Martirizando,
Despedaçando
Duas safiras
—Os teus olhos!
As tuas olheiras são duas liras,
Guarnecidas de abrolhos,
Que eu quizera, a chorar,
A soluçar,
No meu enterro.

Ao ver-te com olheiras,
Palida flor,
O' minha imaculada
Feiticeira das feiticeiras
O' meu amor!
Ao ver-te com olheiras
O' palida açucena,
Fico com pena,
E a minha alma fica orvalhada
Com lagrimas de dor!

Palida como as Virgens e as Santas
Da Sagrada Escritura,
As tuas olheiras,
Realçando a tua formosura,
—Tua fidalga formosura,
E de tanta doçural—
Com que me encantas,
O' feiticeira das feiticeiras!
Põem-te na fronte o ar espiritual
De monjas e de freiras,
Essa nota sentida
E dolorida
De quem queimasse a vida
A sofrer e a scismar!
Palida e bela, és afinal
Uma estrela polar
Em frias noites de luar!

Mariano Gracias

Escola Academica

A mais antiga e frequentada escola particular do país

Calçada do Duque, 20
LISBOA

Telefone 619 Teleg. ACADEMICA

Classes infantis regidas por mestras portuguêsas e estrangeiras, admissão aos liceus e curso dos liceus. CURSO COMERCIAL em 4 anos, modelarmente organizado e de brilhantes e comprovados resultados ...os. Recebe alunos internos, semi-in... e externos, ministrando-lhes, a par ...res confortos, solida instrução lite... e esmerada edução intelectual, moral, ...vica e fisica.

495 aprovações no ultimo ano lectivo

Entregam-se ou remetem-se gratuitamente para qualquer ponto brochuras ilustradas com todas as condições de matricula.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

CRONICA DO CAMPO

VINDIMAS NO RIBATEJO

O campo e a serra—O passado e o presente—Passam ranchos a cantar...

Mês de Setembro.

No ceu, dum azul mais suave, mais claro, que uma ligeira bruma, por vezes, impalidece, vai-se adivinhando o outono.

A terra ainda o não revela. Na verdura forte, cheia de vida, mesmo neste ano de séca, ainda a melancolia opulenta do oiro, que nas folhas das arvores anuncia a morte, não começou a aparecer.

O ar, já fresco, dá-nos uma impressão de beira mar e como que nos trás uma caricia longinqua do Oceano a estes campos ferteis do Ribatejo, que ficam tão distantes da nossa costa.

As colinas ondulam perto do rio e sobem verdejantes com vinhedos, carvalheiras e pinhais.

A fita das estradas esconde-se no arvoredo.

Os salgueirais debruçam-se sobre um areal ardente, cortado de pequenos regatos, neste ano sem a sombra piedosa das nuvens, sem o frescor benefico da chuva.

Ao fundo da paisagem, para além do Tejo e da leziria, a serra de Aire estende a lomba, a que o povo aqui chama a serra de Minde — povoação triste, onde as casas são de pedra sobre pedra, escuras e frias, sem o deslumbramento da cal, sem o sabor duma parreira, como se tivessem nascido da propria serra, cinzentas e pobres, humildes e austeras.

E o camponês ribatejano — com a sua casa caiada, com os ladrilhos vermelhos do chão e a chama alegre da lareira, com a verdura do seu quintal e as couves tenras da horta, com a larga riquêsa dos campos — está longe de conhecer as privações e a vida rude da gente da serra.

Agora, aqui, ao entardecer, na penumbra do crepusculo, passam ranchos a cantar, fundindo numa singela harmonia as toadas populares rusticas e tristes.

Quem me déra ser a rola...
Pois é!
A rolinha do sertão,
Para ir fazer o ninho
Dentro do teu coração...
Assim mesmo é que é!

São os ranchos que vêm do norte para as vindimas, que vão principiar. São os *barrões* e as *barrôas*: homens e mulheres, trigueiros e fortes, com as trouxas á cabeça, caminhando leguas, duros para o trabalho, dormindo nos palheiros e nos barracões das eiras, cantando e penando, e que, para ganhar um salario que remedeie as miserias do inverno, despovoam as suas aldeias e procuram a terra farta que lhes dá pão.

E a pitoresca faina das vindimas enche de alegria os campos.

Os cestos altos de vime enchem-se de cachos doirados ou negros, que se despegam nas dornas e que os carros de bois no seu rodar vagaroso e pacifico trazem para o lagar.

O mosto espumante corre e o vinho generoso e carrascão do Ribatejo vai-se fazendo.

Em quasi todos os logares, agora, a prensa substitue a *pisa*, em que os lagareiros com os pés sujos e grossos esmagavam a uva nos *patamares*, avançando e recuando num passo dançado, num movimento continuo e fatigante, com as pernas nuas e os braços cruzados.

De noite, quando o cansaço, o sono e o aroma embriagante do lagar os entontecia e perturbava, cantavam e tangiam ferrinhos e chocalhos, para afastar o torpor, agravado pela atmosfera capitosa.

A pouco e pouco perdem-se os velhos costumes, no caminhar dum progresso a que nem sei se devemos chamar util, pois é certo que não traz nem mais saude para o corpo, nem mais felicidade para a alma, nem mais beleza para a vida.

Talvez porque tudo o que não temos nos parece melhor, porque, tudo o que passou se reveste de poesia, eu sonho muito maior doçura no «bon vieux temps», do que na existencia precipitada de agora, em que as desgraças se comunicam pelo telegrafo, em que o amor se murmura ao telefone, em que as viagens fogem de comboio e de automovel, em que a morte se recebe a quilometros de distancia dum adversario que se não vê.

A serra e o mar resistem. A serra, conservando inacessiveis os seus pincaros de neve, e o mar porque é tambem a sua grandeza que os vapores que o sulcam não lhe cortam a magestade.

E de tantos inventos e de tantas maravilhas que o homem tem procurado para aumentar a tortura humana, só o avião se ergue com beleza e com poesia.

Abre as azas no azul, sonhando como Prometheu escalar o ceu, oferecendo a vida no vôo e começando antes da morte a viagem deslumbrante do Infinito!

Maria de Carvalho

SERRALHERIA — FUNDIÇÃO — MECANICA — ELETRICIDADE

F. STREET & C.ª LTD LISBOA PORTO

Maquinas Agricolas **ENGENHEIROS** Maquinas Industriaes

R. POÇO DOS NEGROS - R. DE S. BENTO LISBOA TELEGRAMAS: "ELECTRO"

BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS

RUA AUGUSTA, 116

LISBOA

COFRES DE ALUGUER

(Casa FICHET, Paris)

Em casa forte, construida pelos processos mais modernos e com todas as garantias de segurança

"SENTIDO DO ATLANTICO"
de
João de Barros

O «Jornal do Comercio», de São Paulo, publicou ha tempo o prefacio do livro «Sentido do Atlantico», do brilhante poeta João de Barros, acompanhando-o das seguintes palavras:

Os leitores vão ter ocasião de conhecer, linhas abaixo, o prefacio do novo livro de João de Barros —*Sentido do Atlantico*. Têm essas paginas magnificas, neste momento historico, uma oportunidade unica: coincide a sua divulgação com a do manifesto da Liga Nacionalista de S. Paulo, por forma que, comparados ambos os escritos, poderá todo o mundo verificar se pode alguem que tenha um pouco de senso apoiar certo movimento suspeito, rotulado no Rio com o nome de «movimento nacionalista»...

João de Barros, nas paginas que seguem, fala não só por si, como um grande amigo do Brasil mas tambem como um dos mais legitimos representantes dos intelectuais e patriotas de Portugal. As suas palavras têm, portanto, um grande peso, sobretudo tendo-se em mira que escreveu a sua obra como um observador directo dos factos que ocorrem nos dois paises. E' português, um profundo conhecedor das coisas brasileiras, que estudou com um notavel criterio, com um inexcedivel amor—os olhos fitos no ideal da aproximação dos dois povos irmãos.

Somos aqui testemunhas do quanto, ao lado inolvidavel de Paulo Barreto, tem feito João de Barros por esse nobilissimo ideal. Nesta folha, mesmo, desenvolveu o ilustre escritor, em prol dele, uma fulgurante campanha, procurando incutir a rasão das suas convicções no espirito dos brasileiros. A essa campanha refere-se João de Barros, a pag. 144 do *Sentido do Atlantico*:

«Mario Gustini, director do *Jornal do Comercio* edição de S. Paulo,—conta ele—e que é uma das mais lucidas e honestas inteligencias que tenho conhecido, pediu-me insistentemente para que eu, de Lisboa, lhe enviasse artigos sobre a situação portuguesa, *para que*, dizia ele, *S. Paulo saiba que Portugal merece sempre o nosso carinho e a nossa amizade*. E esse pedido era feito com o desejo de contrapor asserções exactas e verdadeiras a certa campanha de descredito que se esboçava contra nós, e que seria realmente séria para os nossos interesses morais e materiais, se deixasse continuar.

S. Paulo sente e sabe os laços que ligam o Brasil a Portugal. E sabe-os e sente-os porque o seu patriotismo está sempre desperto e sempre forte. Na prodigiosa vida da sua capital e do seu Estado inteiro, no seu constante anceio de trabalho, na sua devoção colectiva, no seu formidavel e quasi épico de progresso e de realização uteis ao seu povo e a todo o povo brasileiro,—S. Paulo não esquece o país de origem dos herois que, desbravando a floresta, o fundaram e edificaram, num rasgo de coragem inexcedida.

E' justo é que eu destaque entre todas as manifestações do seu patriotismo, esta manifestação lusofila, que tanto nos deve comover, e que é certamente um motivo a mais para que nós vejamos, neste Estado que já foi chamado *Estado director da consciencia brasileira*, um dos esteios mais seguros e mais leais da aproximação dos dois paises atlanticos, que o espirito e a inteligencia unirão mais ainda do que os mais fortes e imperiosos vinculos economicos e comerciais...»

O prefacio de *Sentido do Atlantico*—resume as ideias desenvolvidas por João de Barros no apostolado que se impôs e bem assim o pensamento que sempre temos revelado em nossas columnas. E', pois, com a maior satisfação que o reproduzimos, crendo, como cremos, com isso, prestar um bom serviço áqueles que sentem, comnosco, a necessidade absoluta de evitar que os espiritos menos prevenidos se deixem impressionar pela propaganda infame que se ensaia contra as colonias estrangeiras domiciliadas no Brasil, principalmente a portuguesa,

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa

DORES ... DORES DE CABEÇA
DORES NEVRALGICAS
DORES REUMATICAS, etc., etc.
Curam-se em curtos momentos com

Quinopyrina

Sem perturbação para o coração, nem ::: fadiga para o estomago ou rins :::

... ... **FARMACIAS** ... ...
LISBOA — Rua Nova do Almada, 88
PORTO — Rua dos Clerigos, 36

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

A confissão da Zéca

Você que está neste momento em plena Beira, talvez dançando o ultimo «schmmy» todo «cow-boy», talvez envergando o seu chale-manta alpinista, pau ferrado na mão, a caminho dos Cantaros, recordar-se-ha decerto do nosso passeio á Nazareth. Fiquei conhecendo a praia, a mais imprevista, a mais luminosa praia de Portugal, e o que é mais dificil — o seu coração. Você contou-me tudo. Os seus «flirts», a sua palestra com o dr. X, pelo telefone; os segredos das suas amigas; contou-me até porque gostava de dançar e como tinha amado pela primeira vez.

Na praia que nós enchemos de mocidade, com grande espanto dos banhistas que até ai não tinham encontrado uma unica distracção e que se aborreciam o mais elegantemente possivel sem bocejar, você, Zéca, foi tão companheira, tão sincera, tão amiga, que eu logo me penitenciei do sorriso fotografico que lhe tinha encontrado e doutras opiniões congruentes com esta.

Sentada na praia, estendida quasi, boquita breve e rubra como uma flôr de martirio, olhar dulcissimo dum brilho aquatico; você sofreu resignada a objectiva dum fotografo incipiente e os desmandos dum guloso relapso que atacou violento as suas lautas provizões arranjadas na «pâtisserie» da terra. Depois, entrámos de subir. A Zéca trepou rochedos; amarrou-me á sua graça; não sei porquê, acarretei-lhe longamente o seu guarda-pó. E as confidencias choviam... Lá no alto, no cerro, Nossa Senhora da Nazareth, florida de votos e de rosas mereceu-lhe uma oração e mais um sorriso.

A caminho do farolim, pela vereda estreita, a cada passo paravamos e debruçados sobre, o mar tinhamos uma frase quase sempre inutil, que não pintava nem a beleza do horizonte, nem a imponencia altiva, arrogante, poderosa da vaga, que arrebentava de encontro ao cabedelo, numa espuma de corolas.

Já iamos sós. O grupo dispersara-se em pares. Não havia beijos, mas havia noivos. Dei-lhe então conselhos. Que se devia casar; que não dançasse; que flirtasse menos. E a Zéca confessou-me então o que até então não ouvira em boca de mulher: que não havia um rapaz, um unico, que realmente, sem ser tôlo, sem ter aventuras de canto de salão, nem a preocupação do «chic», constituisse, o que em linguagem de mamãs, se chama um bom partido.

Fiquei desapontado. A sua confissão, porém, era a confissão duma rapariga do seculo, natural de Lisboa, rua tal, numero tal.

Concordámos ambos, por fim, que ia já longe aquela epoca em que a mocidade da nossa terra, desconhecendo a «manicure», o Martinho e o sr. de Bourget, sabia amar, ter alma e não ser, positivamente, o pretexto dum fato alinhavado por um costureiro de tom.

No emtanto, Zéca, você vai ver que o seu preferido será o mais belo figurino dançante que comsigo dançar melhor. Porque as mulheres, Zéca, na vida como no amôr, vivem de paradoxo... E você confirmará a regra, acredite.

Artur Portela

Lêr na 2.ª pagina:

Um episodio pouco conhecido da Revolução de 5 de Dezembro

Sidonio Pais esteve prestes a ser assassinado no segundo dia da insurreição

A ABERTURA DA EPOCA DE INVERNO

Como Luz Veloso vai interpretar a peça "Gioconda", de D'Annunzio

O Chiado Terrasse transformado em "boite" — As peças da companhia Luz Veloso — Os seus artistas — O teatro italiano e o teatro portuguêz

O "Diario de Lisboa" entrevista a brilhante artista que vai dirigir o Chiado Terrasse

Quando chegámos o reposteiro vermelho estava corrido. Lá dentro, na sala, uma voz declamava; outra, donde a onde, sublinhava uma inflexão:

—Mais alto! Anda para a esquerda. O braço mais vibratil.

A nossa mão já se erguia repuxando o reposteiro, quando ouvimos:

—Vem do *Diario de Lisboa*? O' Luz Veloso! Só, um instante...

O reposteiro abriu-se. Na sala cadeiras dispersas, artistas despreocupados e *em scena*, no ensaio; labios pintalgados de

Luz Veloso

vermelho; olhos ardentes; num gesto ainda de tragedia—uma figura de mulher.

A Luz Veloso veio até nós. Magra, cabelos louros, dum louro seco de *champagne*; o rosto quasi exangue, parafinado; boca profunda, ardente na dôr, subtil na comedia. A sua mão direita apertou a nossa. Debruçamo-nos sobre os seus olhos, olhos que vivem muito inquietos de dôr torturada, quasi indecisa.

—Já o esperava, sabe...

E numa sala ao lado; ela em frente do jornalista; este, junto de Mario Duarte, de pé e de Rafael Gomes, sentado com *nonchalance*, o dialogo entrecruzou-se. Não era bem assim que tinhamos visionado a entrevista. Queriamos ouvir Luz Veloso, recordar a sua carreira, romantizar a sua vida. Porque, a mulher de teatro é sempre uma novela... E das novelas, a mais bela é aquela que sem ser gratis nem a fasciculo *couché*, tem arte, vida e sentimento. Contos largos... Adiante!

—O Chiado Terasse, o animatografo, vai ser remodelado... Teatro *boite*... Em Outubro, no dia um, infalivelmente no dia um—ouviu?—a minha companhia aparece em publico...

—A bagagem. Actores; autores; peças; figurantes; scenarios e tudo mais que a Luz Veloso se lembre...

A actriz sentára-se. Estava agora de perfil. As suas mãos pousadas no vestido preto eram como incrustações de marfim em laca antiga. Seus olhos não sorriam; a sua boca quebrara-se. Tinha um ar senhorial. E para conversar com o jornalista, a atitude que escolhera era ainda de teatro de que papel?

—Vou falar um pouco de mim... Custa-me.

Mas, Mario Duarte, prestou-se logo:

—Luz Veloso a interprete de tantas obras ao lado dos grandes Rosas e de Brazão será a figura principal...

—A artista maxima. Leu-lhe Rosa—dissémos—a «buena dicha» do talento, um dia...

—A ela seguem-se Tereza Taveira; Maria Clementina; Alice Pereira, que se apresenta em Portugal pela primeira vez, depois duma «tournée» pelo Brasil, e outras... com todas qualidades.

—Sim. O publico conhece-as e dispensa os adjectivos.

—Falemos agora um pouco, continua Mario Duarte—da parte masculina da companhia.

—Mas é uma companhia?...

—Que tem um nome: Luz Veloso.

—Nome com luz e com *chance*.

—Artistas: Teodoro Santos—o primeiro; Joaquim Miranda; Abilio Alves, Almeida Cruz, Junior...

—Não conheço.

—E' o filho do tenor. Vocação decidida, acredite. Verá! Verá!—E de seguida:—Alfredo Froes, J. Sequeira e Rafael Gomes. Falta um...

Apontaram-se os nomes, a lapis. A Luz Veloso, consentiu que nós todos fumassemos. Entrámos em scena, inquirindo:

—E as peças?

—Muitas! *Conselho da Noite*, de Vitoriano Braga...

—Tinham-nos falado da *Gioconda* de D'Annunzio...

Então a Luz Veloso falou. A sua mascara crispou-se. Pousou o cotovelo nu sobre a mesa e com um ondear de leque, entregou-nos o seu pensamento em palavras lentas, tocadas de suavidade e de ritmo, daquele ritmo, que lá fóra já embaciava o ceu, punha nas arvores os primeiros farrapos de seda velha e no ar uma tristeza irrevogavel.

—Gosto imenso do teatro italiano. E repetiu:—imenso!

—E porquê Luz Veloso? Está na moda, o francês. Tem tanto pó de arroz!

—O italiano é moral; coaduna-se mais com o sentimento das nossas plateias...

Mario Duarte cortou:

—Dum pequeno nada fazem uma obra de arte.

—Filigranam a emoção.

—O artista portuguêz tem um trabalho arduo em assimilar o teatro francês. Dois trabalhos: o de aprender o papel e de viver uma figura que não vive e que não sente.

E Luz Veloso, levantando o busto, onde o decote triangulava—não excessivamente aberto:

—Farei por representar muito teatro italiano. E outra vez:—é tão moral!—E seguindo o pensamento de todos nós, do qual ela era a expressão maxima:

—Os caracteres adequam-se tão bem á nossa scena! O publico vai gostar, há-de vêr!

—Principalmente da Luz Veloso. A peça de estreia?

—*Mario e Maria*. Uma Maria tão rapaz que lhe chamam Mario; depois, um Mario tão apaixonado...

—Que volta a ser Maria.

—Mas que encanto! E' tão suave...

Mario Duarte lembrou:

—Temos ainda o *Apaixonadamente*. A peça é tambem italiana. Sentimento moderno... o *galan* não aparece.

—Curioso!

Erguemo-nos. Luz Veloso deu-nos a sua mão e o seu sorriso; Mario Duarte agradeceu-nos e Rafael Gomes cumprimentou.

A. P.

O SR. DR. RAMADA CURTO FALA-NOS DA

LEI ELEITORAL

"Ela não garante a pureza do sufragio popular"

O insucesso eleitoral do partido socialista nas recentes eleições, de tal forma o feriu que, desde então, não manifestou o mais ligeiro indicio de vida. Conversando com o sr. dr. Ramada Curto, um dos elementos de maior destaque daquele agrupamento politico, ele declarou-nos considerar a actual lei eleitoral, um dos factores desse insucesso.

A pregunta surgia, pois, naturalmente: —Mas ela não possue os elementos de defeza indispensaveis para garantir a liberdade de voto e o apuramento das votações?

—Não possue—respondeu o conhecido advogado—Especialmente no que diz respeito á verificação de poderes dos eleitos O pretexto de que o julgamento das eleições contestadas, deve ser entregue ao proprio poder legislativo, não colhe. As comissões de verificação de poderes não oferecem garantias de imparcialidade. Nessa apreciação, o poder judicial é praticamente o menos independente e livre de sugestões.

—Onde estão, pois—inquirimos—as garantias de defeza da pureza do sufragio?

—Vejamos. Para que o sufragio exprima a vontade do paiz, ou tenha certas probabilidades de se aproximar dessa vontade, é preciso, primeiro que tudo, garantir a inscrição obrigatoria e automática de todos os eleitores, feita pelos organismos do Estado ou das Camaras Municipais. A maquina de opressão que é o Estado actual, e que é tão pronta em inscrever toda a gente, para lhe cobrar o imposto e para a obrigar a pegar em armas, tem o dever de, em contra partida, organizar a lista dos que têm direitos politicos. A não existencia do recenseamento obrigatorio é uma imoralidade e uma burla. Primeiro, porque obriga o cidadão a formalidades que são outras tantas razões do desinteresse do eleitorado. Segundo, porque na organização desses recenseamentos é que se fazem as principais batotas eleitorais. Só os *clans* politicos com dinheiro podem montar a maquina politica recenseadora.

«Sou partidario do sufragio universal—prosseguiu o nosso entrevistado. Num paiz, com uma percentagem de analfabetos como o nosso, atribuir direitos só a quem sabe ler e escrever, é relegar mais de duas terças partes da nação á situação de párias. Não me digam que o eleitor que sabe pintar o nome com um pau de fosforo é mais consciente do que o simples iletrado. De resto, a culpa de haver iletrados, não é propriamente destes.

«A representação proporcional—concluiu o dr. Ramada Curto, despedindo-se—é a unica doutrina defensavel para espiritos verdadeiramente democraticos.

Além-mar

Guarda fiscal da India

O governador geral da India informa que os oficiais que se encontram ali em comissão, foram encorporados na guarda fiscal, até terminarem o tempo da sua comissão.

Valores selados para Moçambique

Seguiram já para Moçambique valores selados na importancia de 1.446$58.

Funcionarios de Macau

Os funcionarios de Macau pediram para lhes ser aplicado o decreto n.º 7:415 que aumenta os vencimentos a todos os funcionarios coloniais.

Milho para Cabo Verde

Pelo vapor «Inhambane» foram desembarcadas em Cabo Verde 1.536 sacos de milho que se destinavam a Lisboa, a fim de acudir aos famintos daquele arquipelago.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

A CIDADE

O REI DO ANIMATOGRAFO CHARLOT
VEM A LISBOA?

Um boato que talvez tenha uma confirmação

Charlot, o Charlot das cabriolas inverosimeis e das «toilettes» hilariantes, rapaz de trinta anos que com a sua inteligencia e o seu espirito, em todo o mundo conquistou uma reputação de gargalhada que é ouro de lei—e do ouro tem o bom rendimento—a par de muitas reputações que não colhem proventos superiores a dois «pintos», deve visitar muito brevemente esta Lisboa que, desde o garotito esfarrapado que pedincha os dozes vintens necessarios para uma «geral» ao sujeito sizudo e bem vestido que cobre a despesa avultada de um balcão, de há muito aprendeu a apreciá-lo.

Isto, por emquanto, é boato. Como boato, por muitos será considerado, pois custa a crer que Charlot, rei do animatografo—um rei que em lugar de uma, dispõe de muitas, muitissimas corôas...—depois da recepção delirante que teve em Londres o «Olimpia», depois das aclamações com que os parisienses o receberam, e no momento em que se prepara para visitar Barcelona e os seus «studios» cinematograficos, venha de longada até esta Lisboa de basbaques, capital de um paiz que, apesar do seu ceu de um azul purissimo e da sua paisagem encantadora, á industria do cinema pouca atenção consagra, satisfazendo-se com aqueles «films» que os industriais espanhois usam pôr de lado...

***

Mas o boato que hoje damos é um boato que de noticia quasi tem foros. No nosso reduzido meio animatografico, há quem tenha a pretensão de se cobrir de gloria, trazendo Charlot, custe o que custar até Lisboa—isto para que o nosso publico o aplauda, para que veja como é feio para que verifique que o seu bigode, esse bigodito caricatural que por ahi tanta gente imita, por ele só é usado... em scena. Claro, que nessa iniciativa, há um intuito industrial. E' o «reclame» monstro, o «reclame» sem limites, da empresa que o vai trazer. E, quem sabe, talvez Charlot, depois de ver o castelo da Pena e a serra de Sintra, os Estoris e a bahia de Cascais, a Batalha e os Jeronimos, fascinado com um paiz onde há tantas cousas belas que só nós não admiramos, se resolva a assentar arraiais aqui, por se convencer de que não é possivel encontrar scenario mais adequado ás suas façanhas grotescas. No campo, não lhe faltam motivos naturais a servir de pano de fundo ás cabriolas que só ele consegue realizar sem prejuizo fisico; na cidade, quando se queira associar ao vulgo, na constituição de um «film» de novidade, sempre lhe poderemos oferecer uma revoluçãosita em segunda mão, para tornar a cousa mais emocionante.

***

Charlot deve vir, pois, a Lisboa. Pensa-se em provocar a sua visita a Portugal. E porque não há-de vir? O cambio está baixo e a despesa sai barata. O «dollar» é rei, a libra sterlina, imperatriz. Preparemo-nos, pois, para o receber, e os lisboetas, velhos amigos da magnificencia, devem começar a escovar o fatinho de vêr a Deus, para que Charlot, soberano absoluto da industria cinematografica, tenha aqui uma recepção comparavel á que lhe fizeram em Londres os graves, os sizudos, os inevitavelmente obesos banqueiros da City.

Mas, uma ultima interrogação: Charlot virá a Lisboa? Charlot resolver-se-há a transpôr, em compartimento reservado de caminho de ferro, as cinco ou seis centenas de quilometros que separam Barcelona de Lisboa?

A EMANCIPAÇÃO DA RAÇA NEGRA
A Associação Pan-Africana ficará sob a egide da Liga das Nações

Os trabalhos do Congresso Africano—As moções que foram aprovadas—Os discursos dos dois delegados portugueses—S. Tomé e Principe

O "Diario de Lisboa" entrevista o sr. dr. José de Magalhães, um dos delegados ao Congresso

Outra vez sentados a uma mesa do «Francfort», o jornalista ouvindo o sr. dr. José de Magalhães, comendo e falando sobre o Congresso Pan-Africano.

Logo de principio o sr. dr. José de Magalhães, verberou acremente certos compatriotas seus, que ontem a meio duma sessão onde ele explicava os trabalhos do Congresso, irromperam violentos e incorrectos.

—Anda para ahi certo partido africano, composto de tres irmãos e dum tal João de Castro que querem destruir a Liga Africana.

—Mas...

—A Liga não tem nada com o tal partido que não esteve mesmo representada, como pretende, no Congresso...

O sr. dr. José de Magalhães que principia almoçando pela sobremesa, sobremesa-fruta, disse tres frases bem duras que atingiram em cheio o sr. João de Castro... Um pouco de silencio, melhor, silencio absoluto sobre elas.

—Vamos ao Congresso...

—Como sabe, as primeiras sessões foram em Londres. A elas não assisti eu nem o sr. Nicolau dos Santos Pinto...

—Sabe o que se passou lá?

—Sei. Dubois, o secretario do Congresso explicou os fins daquela reunião: uma tentativa para reunir em Conferencia os membros mais eminentes dos varios grupos de origem africana existentes nos Estados-Unidos, na Africa Austral, Central, Oriental e Ocidental, nas ilhas indianas ocidentais e nas Americas do Sul e Central, com o fim de se conhecerem pessoalmente e trocarem ideias a respeito dos problemas que se apresentam á raça africana no mundo inteiro.

—O Congresso foi bem recebido?

—Em Londres, houve um pouco de reserva...

—Apodaram no de bolchevista...

—Sim. Afirmaram que as relações entre Dubois e Marcos Garvey eram suspeitas, porque este ultimo tinha ideias comunistas. Dubois defendeu-se e provou que não conhecia Garvey e que repudiava inteiramente as suas ideias. No emtanto, talvez, por isto, os ministros das colonias das principais potencias não assistiram ao Congresso. Nas sessões de Bruxelas é que vi alguns representantes dos ministros, mas como particulares.

—Moções...

—As principais: uma de Dubois, sobre a liberdade, instrução e emancipação dos africanos, que foi estudada por uma comissão especial em que eu entrei; outra minha sobre a criação em cada paiz colonial dum Instituto de investigação scientifica destinado a estudos africanos, ou uma secção de estudos africanos nalguns dos institutos scientificos existentes e ainda a instituição duma cadeira de historia e sociologia africanas nas universidades...

—V. ex.ª recorda-se que numa entrevista concedida ao *Diario de Lisboa*, horas antes da sua partida para Bruxelas, lhe falára da criação dum grande organismo internacional?

—E' o que consta da moção do sr. Otlet, director do *Palais Mondial*.

—As moções foram todas aprovadas?

—Inteiramente.

—Temos então já...

—Uma Associação Pan-Africana com o seu Conselho Permanente, constituido por 15 delegados dos grupos africanos, entre os quais eu e o sr. Nicolau dos Santos Pinto. Adjunto a esse conselho, fica um *bureau* que funciona em Paris, tratando de todo o expedente da Associação. E depois:—Associação que tem bases. Elegeu-se uma comissão especial encarregada de as confeccionar...

—Havia tambem a Sociedade das Nações... Uma ligação...

—Ligação essa que se resume na Associação Pan-Africana pretender ficar sob a sua égide.

A conversa caiu. O sr. dr. José de Magalhães que falara exuberantemente, há já meia hora que agitava nos dedos um bago de uva, sempre o mesmo.

Em jornalismo não há preguntas difíceis. O que há é a arte de as colocar oportunamente. Porque, acreditem, o entrevistado diz sempre tudo, tudo. Até o que não quere. Com lentidão insinuámos:

—E no Congresso ninguem teve a coragem de aludir ás violencias dos colonos em Africa? Esqueceram Portugal?

—Nós não quizemos neste Congresso aludir a essas questões. Porque as há, acredite. Só dois brancos, um deles deputado pelo Pas de Calais discursou violentamente contra certas arbitrariedades... Eu fiz um discurso scientifico sobre o problema africano e o meu companheiro, convidado a falar, referiu-se aos pretos de S. Tomé e Principe...

Sem hesitações, marcámos:

—Escravatura, não?

—Pelo contrario, desmentiu todas essas atoardas...

A entrada elegante, perfilada, quasi sumptuosa dum compatriota do sr. dr. José de Magalhães, foi o ponto final da entrevista. Tambem, já era tempo, dirá o leitor.

3:000 PORTUGUESES
lutando com a miseria em Manaus

A presidente da Cruzada das Mulheres Portuguesas recebeu uma mensagem da nossa colonia de Manaus, pedindo a sua interferencia junto do governo, no sentido de serem repatriados cêrca de 3:000 compatriotas nossos que ali estão lutando com a miseria.

CARVÃO
CARDIFF das minas do almirante do "Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
A' DESCARGA
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 5094
Londres—56, Ludgate Hill

OS TEATROS

Intrigas de bastidores

Recebemos do sr. Luís Galhardo, administrador do teatro Nacional, a seguinte carta:

Sr. redactor:—Na secção «Os Teatros», do numero de ontem desse acreditado jornal e sob a epigrafe «Intrigas de bastidores», admitia-se, entre outras hipoteses, a de que nem Angela Pinto nem Palmira Bastos poderiam ingressar no teatro Nacional por motivo de imposições ou resistencias de quaisquer artistas do mesmo teatro. Tal boato não tem, nem podia ter, o menor fundamento. Nem os artistas que fazem parte do elenco, que tenho a honra de administrar—faço-lhes essa justiça—seriam capazes de semelhante acção, nem o Estado ou eu lha admitiriamos. De resto, as ilustres artistas Angela Pinto e Palmira Bastos não pensaram até agora, segundo creio, em reingressar no teatro Nacional, onde seriam recebidas, tanto pela Administração, como pelos seus colegas, com todas as honras de que são dignas. Eis o que, em abono da verdade, me cumpre comunicar a v.

Com a maior consideração...

O «Diario de Lisboa» não afirmou ontem positivamente que as brilhantes actrizes do teatro Nacional se opunham á entrada das suas ilustres colegas Angela Pinto e Palmira Bastos.

O que dissemos foi ter-nos constado—informação essa precedida de um talvez — que determinada actriz sairia do elenco do Nacional, caso entrasse qualquer daquelas suas colegas. A ists não alude o sr. Luís Galhardo...

Atraz do reposteiro

Foi ontem assinada a escritura de trespasse do Coliseu dos Recreios ao sr. Ricardo Covões como representante de um grupo financeiro que vai explorar aquela casa de espectaculos. A viuva do falecido empresario Antonio Santos recebeu 150 contos.

—Dizem-nos que o escritor André Brun está organizando capitais para de sociedade como «meteur-en-scene» Alberto Durot montar «films» portugueses.

—A companhia do teatro Nacional devia fazer hoje a sua apresentação. Por motivos imprevistos foi transferida para o dia 30. Diz-se que o «elenco» publicado ha dias vai sofre importantes modificações.

—O maestro Ruy Coelho, que se encontra em Colores, está musicando a poesia de Eugenio de Castro intilulada «Cavaleiro das mãos irresistiveis».

—Como não viesse mencionado no numero de originais que devem subir á scena na proxima epoca de inverno no Nacional a peça «O mais forte», de Afonso Gayo, este conhecido dramaturgo oficiou ao delegado do governo e ao administrador daquele teatro lembrando a disposição legal que se refere ao caso das peças que fôram aprovadas na epoca anterior e que tem de ser levados á scena na outra. Como se sabe, a peça «O mais forte» chegou a entrar em ensaios na epoca passada.

—O actor Estevam Amarante terá brevemente um desafio publico de «box» com outro colega, revertendo o produto do espectaculo para a Casa Gil Vicente.

—E' depois de ámanhã a apresentação da companhia do S. Luiz.

—A actriz Palmira Bastos regressa de Paris no dia 23.

—No dia 26 chega da Figueira da Foz a actriz Lucilia Simões.

—Não é de Julio Dantas mas de Mario de Almeida a tradução da peça «Fugitiva», que subirá á scena no Nacional na proxima epoca.

—Dissemos ha dias que era provavel vermos este inverno num dos teatros de Lisboa a companhia espanhola de que é director o conhecido escritor Martinez Sierra, o autor do «Amanhecer» e da «Primavera em Outono». As nossas informações dizem-nos ainda que é quasi certa a sua vinda e que trazem no seu repertorio a peça de Muñoz Seca, intitulada «El Ardil», que se representou com grande exito em S. Sebastian. Como se sabe, faz parte desta companhia a grande actriz Catalina Bacene.

Reclames

S. LUÍS—Volta hoje a repetir-se o aproposito «Os 50 milhões de dollars», bem como a revista «De capote e lenço».

POLITEAMA—O «João Ratão» deve constituir o espectaculo até o fim da epoca actual.

EDEN—Todos os politicos que não foram a ferias perdem as noites no Eden-Teatro a ver o «Tic-tac», verdadeira escola de civismo e de piada.

AVENIDA—Continúa tendo grande concorrencia este teatro, onde se exibe a enteressante companhia infantil dirigida pela actriz Cremilda Torres.

APOLO—Não precisa o «Burro em pé» de reclamo espalhafatoso. Apesar da chuva, e mesmo nos dias de semana, rara é a noite em que este teatro se não enche.

PROVINCIAS

Em Mangualde

Falecimento

Mangualde, 18

Depois de uma prolongada doença, que a reteve no leito durante catorze meses, faleceu a menina Maria Carmelina Amaral, de 17 anos de idade, sobrinha do director da Escola Primaria Superior e correspondente do «Diario de Lisboa», Bernardo Amaral.

A sua morte foi muito sentida, porque a falecida era muito estimada pelas suas qualidades.

O seu funeral foi uma sentida manifestação de pezar. Nele se encorporaram, além da irmandade da Misericordia, grande numero de pessoas de todas as classes.

O cadaver foi encerrado num rico caixão de setim branco.

A's borlas pegaram alunos da Escola Primaria Superior,

Foram-lhe oferecidas nove coroas, sendo quatro pela familia e cinco por pessoas amigas. Seus tios acompanharam o cadaver até ao cemiterio.

Nas Caldas da Rainha

O concurso hipico

Caldas da Rainha, 19

Continuou hoje o concurso hipico internacional na esplanada da mata do hospital termal, com uma concorrencia verdadeiramente extraordinaria.

O grande premio das Caldas foi ganho pelo sr. José J. Morais, no cavalo «Select», pertencente á sr.ª D. Helena Morais.

Foi tambem aquele senhor que ganhou os segundo e terceiro premios nos cavalos «Regfnald» e «Gaillard».

O quarto premio foi obtido pelo sr. Manuel Gomes, no cavalo «Spoahi» e o quinto pelo sr. José Mousinho, no cavalo «Hebraico».

O concurso termina no dia vinte e um do corrente, em que é disputada a taça de honra.

Em Odemira

A feira

Odemira, 18.

Terminou a feira desta vila, a qual foi bastante concorrida, tendo-se feito bastantes transacções, especialmente em gado vacum, que abundava, e o qual valeu mais alguma coisa que noutras feiras, tendo sido comprado pelos marchantes para cima de 300 cabeças; esta feira está sendo uma das principais do baixo Alentejo; a gatunagem fez das suas, pois a um lavrador roubaram 5.250$00, não sendo capturado o gatuno. A policia foi feita pela Guarda Republicana, não havendo alteração da ordem.

Um aeroplano

Voou ontem sobre esta vila e local da feira um aeroplano tripulado pelo distinto capitão-aviador e nosso patricio Brito Pais, causando grande admiração a muita gente que pela primeira vez viram semelhante aparelho.

G. N. R.

Já regressou de Aljustrel, onde esteve alguns dias, o sr. tenente José Pedro de Matos, comandante da secção da G. R. desta vila.

Festas de S. Sebastião

A filarmonica desta vila, sob a regencia do habil amador José Fernandes de Azevedo, que hoje vai a S. Teotonio, deste concelho, abrilhantará as festas a S. Sebastião.

Augusto Serrão

Seguem hoje para Elvas o sr. Augusto Baptista Serrão, tesoureiro da Camara Municipal, e sua familia.

De visita

De visita encontra-se nesta vila o sr. José Maria Freire Junior, alferes de artilharia n.º 2.

Em Lamego

As festas dos Remedios

Lamego, 16

Correram com um brilho desusado as esplendorosas festas dos Remedios havendo uma concorrencia como nunca, e tudo na boa ordem. A esmola passou de 8.000$00.

A batalha das flôres

Este numero das festas foi dum brilhantismo ultra sensacional pelo requinte de Arte, pela grandêsa do luxo e pela perfectibilidade dos costumes nas diferentes epocas e regiões em que se deram.

A festa da flôr

As gentis damas lamecenses, comissionadas por zonas, mais uma vez mostraram a belissima virtude da caridade que as exornam, praticando essa virtude no dia 5 a favor do Santa Casa da Misericordia, colhendo nessa meritoria obra mais de 6.000$00,e esperando que passe além de 10.000$00.

Escola Primaria Superior

Está o praso aberto para se requerer exame de admissão a este estabelecimento de ensino até 30 do corrente assim como para se matricularem os que já o frequentaram e os que tiverem diploma de 5.ª classe.

Em Taboaço

Professorado primario

Taboaço, 17

O sr. Silva Barreto, senador, ha dias, na sua camara, pelo facto dalguns professores primarios, no ultimo congresso, terem feito umas afirmações avançadas, apodou de bolchevistas toda a classe, e, por tal motivo, o gremio escolar deste concelho, por intermedio da sua direcção, enviou ao sr. ministro da instrução o seguinte telegrama: «Ex.mo ministro da instrução — Lisboa: Professorado deste concelho, consciu sua missão social e educativa sentido progresso e resurgimento moral da raça, protesta contra pretensos entendimentos com elementos dissolventes sociedade, ventilados senador Silva Barreto, cujo alarme parlamento reputa infundado. Direcção Gremio Escolar».

A carestia da vida

Os generos essenciais á vida, como o pão, batata etc., estão a atingir preços elevadissimos, lutando, por isso, com enormes dificuldades as classes pobres. E' absolutamente necessario entravar a marcha gananciosa do comerciante, porque doutra forma, tristes dias nos esperam.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 21:

Reza-se S. Mateus, apostolo e evangelista, «duplex», 2.ª classe, paramentos vermelhos na missa propria, 2.ª oração e ultima, Evangelho da féria. Credo e prefacio dos Apostolos.

«Lausperene» na igreja do Bom Sucesso

Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

Bom Sucesso, ás 8 horas, missa; ás 18, terço de Bemditos, por musica.

S. Roque, ás 8,30 horas, missa.

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

LUDOVICE, LIMITADA

Rua da Madalena 36, 2.º

TEL. C. 3379

Secção fiscal

Contribuições

Serviços fiscais e Administrativos

JOSÉ AUGUSTO DIAS, F.º & C.ª

BANQUEIROS

Agencia de Lisboa

Mudam as suas instalações em 30 do corrente para a

Rua Augusta, 89 a 95

Exposição de artigos do oriente

59, Rua Nova do Almada, 1.º

Telef. C. 3190

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)

TELEFONE C. 3:992

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

PARQUE DO ESTORIL

Tencionando abrir um dos seus hoteis no começo da proxima época, a Sociedade «Estoril» arrenda desde já, para estabelecimentos comerciais, as lojas-galerias á entrada do Parque do Estoril.

As condições do arrendamento acham-se patentes nos escritorios da Sociedade, no Cais do Sodré, n.º 25 — LISBOA.

N.º 14 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 20-8-921

INTIBAH

OU

As Aventuras D'Ali Bey

POR

KEMAL BEY

No entanto, apezar da grande confiança que existia entre eles, Ali Bey, que contava todos os segredos ao seu amigo e o demorava no seu quarto até quási de manhã, referindo-lhe os menores incidentes e as particularidades, mesmo insignificantes, do seu amôr, não sómente nunca lhe mostrara Mehpeyker, mas nem se atrevera a pronunciar o seu nome, deante dele. Tal reserva provinha unicamente da sua profunda convicção na pureza da sua bem-amada, e Atif, que conhecia os projectos de casamento do seu amigo, achava natural e justa a sua maneira de proceder. Ora, um domingo, os dois amigos reuniram-se, como de costume. Atif, exprimiu o desejo de ir a Tchamlidja, pedindo ao seu amigo para o acompanhar, mas Ali Bey escusou-se, alegando que tinha um «rendez-vous», mas prometeu ir ter com ele, ahi pelas cinco horas. Mehpeyker dirigira-se, antes dele, para o lugar indicado e assentando-se na relva verde, á sombra do plátano que recebera as suas primeiras declarações de amôr.

Os dois amorosos, depois de haverem comunicado, horas inteiras, as suas penas e as suas impressões da cruel separação que durara um dia e duas noites, entraram no capitulo das dissertações sobre o amor duma maneira tão sublime que os pensadores mais profundos não deixariam de notar concepções novas e originais. Como sempre, os argumentos de Mehpeyker concluiam por prazeres sensuais mal dissimulados, ao passo que as aspirações de Ali Rey tendiam para o ideal. Pelas cinco horas, recordando-se da sua promessa, pediu, mas com muita pena, permissão para ir ter com o seu amigo. A jovem fez-lhe mimosas censuras, atribuindo o seu procedimento á diminuição do seu afecto, mas, depois de muitas provas em contrario, concedeu-lhe a autorização pedida. Posto que compreendendo bem que era necessario não faltar á sua palavra, não podia conformar-se com a ideia de passar metade do dia longe dela. Por isso lhe suplicou com vivas instancias que se mostrasse junto da fonte, para o poder ver de tempos a tempos, embora de longe. Ela acedeu, pondo como condição seguilo uns minutos depois, a fim de não dar azo aos pensamentos malevolos dos curiosos.

Depois de tristemente se ter despedido, Ali Bey foi instalar-se no logar combinado. O seu amigo não aparecera ainda. Varias pessoas estavam assentadas, proximas dele. Um senhor moreno, dos seus quarenta anos, ar inteligente e energico que se encontrava no grupo, alegrava a conversação com anedoctas e ditos engraçados. O mancebo, que tinha um verdadeiro culto pelas pessoas de espirito, admirava a eloquencia do desconhecido e apesar de não descobrir nenhuma figura desconhecida entre os membros deste pequeno circulo, buscava um pretexto para poder tomar parte na conversação. Neste momento, algumas carruagens pararam a certa distancia deles: começaram a dirigir, indistintamente, ás mulheres que as ocupavam, palavras galantes. Ali Bey era, na verdade, grande admirador do belo sexo, mas importunar, com palavras inconvenientes, mulheres que ninguem conhece repugnava soberanamente ao seu caracter. Eis porque a conduta dos seus visinhos mudou toda a sua benevolencia do primeiro momento em verdadeiro despreso, a tal ponto que se arrependeu de ter escolhido tal ponto como lugar de encontro com o seu amigo e como posto de observação para ver a sua bem-amada.

Ao passo que esta visinhança o irritava, aumentando tamanha espectativa á sua tortura, surgiu a equipagem de Mehpeyker. Apenas a viu, esqueceu tudo. Fixou os olhos na carruagem. Mal ela se aproximou da fonte, mas antes que Ali tivesse tempo de fixar aquela que ele amava, o homem moreno levantou-se precipitadamente e, chegando-se a ela, com uma saudação muito familiar, um aspecto tranquilo e natural, pediu a Mehpeyker um *rendez-vous* para essa mesma noite. Esta fechou logo as cortinas e deu ordem ao cocheiro para partir a trote.

(*Continua*).

NO ESTRANGEIRO

DE BERLIM

O ASSASSINIO DE ERZBERGER PARTIU DUMA CONSPIRAÇÃO MILITAR?

O CHANCELER WIRTH E O MINISTRO RATHENAU ESTIVERAM CONDENADOS?

A CAMINHO DUMA PROXIMA GUERRA CIVIL?

BERLIM, 20

Nos circulos politicos ha o convencimento de que o assassinio de Erzberger foi obra duma vasta conspiração militarista, que tinha por fim a restauração da monarquia. O chanceler Wirth e o ministro Rathenau estavam tambem condenados. Os conspiradores esperavam assim lançar os socialistas no caminho da violencia, o que conduziria á guerra civil.—(U. P.)

As despesas do exercito de ocupação na Renania sobem a cinco biliões de marcos ouro

BERLIM, 20.

Segundo estatisticas publicadas pelo «Temps», ascendem a cerca de cinco biliões de marcos ouro as despesas dos exercitos de ocupação na Renania desde Novembro de 1918 a 1 de Maio de 1920.

Perante estes numeros aterradores e os das indemnisações a pagar, a imprensa de Berlim diz que é impossivel fazer face a todos os encargos, que arrastarão a Alemanha á bancarrota com perniciosos efeitos tambem para a Entente.—(U. P.).

Desmente-se a noticia do pedido de demissão do barão de Rosen

BERLIM, 20.

Desmente-se oficiosamente a afirmação feita na imprensa francesa de que havia graves dissenções entre o sr. Rathenau, ministro da reconstrução, e o barão de Rosen, ministro dos negocios estrangeiros e que este por esse motivo teria apresentado a sua demissão.—U. P.).

A GUERRA NO ORIENTE

Os delegados turcos pedem a intervenção da Sociedade das Nações no conflito greco-turco

PARIS, 20.

Segundo as ultimas noticias recebidas da Anatolia, a cidade de Sivri Hiser ocupada pelos turcos depois de violenta resistencia feita pelos gregos, está sendo fortemente guarnecida por tropas turcas, que se preparam para novos avanços. Os gregos recuam deixando numerosos prisioneiros, canhões e munições. Segundo informações de origem inglesa os delegados gregos teriam tentado obter a intervenção da Sociedade das Nações no conflito greco-turco. Os jornais britanicos crêem geralmente que se encontrará uma plataforma para que a Sociedade das Nações possa intervir.—(R.).

NA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

O conflito polaco-britanico

PARIS, 20.

A Sociedade das Nações tem continuado a examinar o conflito polaco-lituanio ácerca da questão de Vilna. O sr. Hymanns que dirigiu as negociações entre a Polonia e a Lituania durante muitos meses, expoz a actual situação perante os membros do conselho. O sr. Hymanns apresentou algumas modificações do projecto primitivo que lhe pareceram necessarias depois de varias conversações com os representantes da Polonia e da Lituania em Genebra.—(R.).

UMA TRAGEDIA FALADA

FATTY, O CONHECIDO ACTOR DO CINEMA, MATOU "MISS" VIRGINIA RAPPE?

FATTY PROTESTA A SUA INOCENCIA

O que se passou durante uma ceia em casa do "az" do "écran"

Noticias chegadas de S. Francisco da California, dizem-nos que o conhecido actor cinematografico Fatty foi acusado de ter morto Miss Virginia Rappe—que era tambem uma jovem artista do cinema. Miss Virginia apareceu morta nos aposentos que Fatty habita, em New York. O «az» do écran foi preso. Cinco medicos foram encarregados de elaborar um relatorio sobre as causas da morte de Miss Rappe: tres pronunciaram-se pela morte natural mas uma amiga da falecida, Miss Maud Belmont, acusou claramente Fatty do crime de assassinio. O artista, que assistiu ao depoimento, limitou-se a responder por monossilabos ao interrogatorio do juiz de investigação.

Virginia Rappe *Fatty*

Diz-se tambem que Fatty tinha premeditado a morte de Miss Rappe. Como alguns pontos do processo carecem de ser esclarecidos, o juri recusou-se a considerar Fatty como formalmente culpado. As investigações continuam até se apurar completamente a verdade. Logo que a prisão de Fatty foi conhecida na America, todas as casas riscaram o nome de Fatty dos seus programas.

Roscoe Arbuckle—assim se chama o popular artista—continua a protestar a sua inocencia. O juiz de investigação declarou que, segundo os testemunhos recolhidos, Fatty levou Miss Virginia para o seu quarto e disse-lhe:

—Esperei cinco anos, mas agora tenho-te segura.

O depoimento de Mrs. Maud Belmont é esmagador para Fatty. A amiga de Miss Rappe, que a acompanhou a casa de Mr. Arbuckle, continua a afirmar que a uma certa hora da noite, Fatty, que estava em pyjama, tomou Miss Rappe nos braços e levou-a para o seu quarto. Um quarto de hora depois, Mrs. Belmont tentou entrar no quarto; a porta estava fechada á chave. Bateu, bateu, até que Arbuckle veiu abrir. Foi então que viu Miss Rappe estendida na cama, com a roupa em desalinho, gritando: «Eu morro».

Outras testemunhas dizem que o vinho correu abundantemente durante a ceia e que ninguem fez grande reparo quando Fatty se afastou com a rapariga, que parecia estar embriagada. Quando se verificou que o seu estado era grave, fizeram-lhe tomar um banho de agua fria, para dissipar os fumos da embriaguês.

Segundo um jornal americano, o medico que fez a autopsia declarou que a morte foi devida a causas naturais. O corpo de Miss Virginia não tinha nenhum traço de violencia. Os advogados de Fatty requereram julgamento em audiencia secreta, afirmando: 1.º—Que o seu cliente não se entregou a uma tentativa prevista pelo Codigo Penal na pessoa de Miss Rappe; 2.º—Que não a fez entrar á força no seu quarto, visto que ela foi de sua livre vontade; 3.º—Que a morte de Miss Virginia Rappe se deve atribuir a um diagnostico errado ou a um tratamento medico improprio.

O companheiro de prisão de Fatty contou que uma vez, o impagavel comico estendeu solenemente o braço e disse:

—Juro que nunca mais bebo uma gota de alcool!

Os funcionarios encarregados de reprimir as infracções da lei que proibe o uso de bebidas alcoolicas, procuram descobrir a proveniencia dos licores.

Nilo Peçanha

e a sua candidatura á presidencia da Republica Brasileira

LONDRES, 20.

O sr. Nilo Pessanha candidato á presidencia do Brasil partiu do Rio de Janeiro para fazer uma larga viagem de propaganda da sua candidatura. E' a primeira vez que um candidato á presidencia da Republica faz neste paiz uma viagem de propaganda.—(R.).

Relações comerciais entre a França e o Canadá

OTAWA, 20.

Sir Geoge Foster, ministro do Comercio e Industria, diz que brevemente um navio com amostras dos produtos canadianos visitará as costas da França, procurando tornar mais intimas as relações comerciais entre os dois paises.—(R.).

DE LONDRES

PARECE ESTAR RESOLVIDA A COMPLICADA QUESTÃO DA ILHA DE YAP

A ATITUDE DA CHINA E O EXITO DA CONFERENCIA DE WASHINGTON

O QUE DIZ UM CORRESPONDENTE DO "TIMES"

LONDRES, 20

O correspondente do «Times», em Washington, diz saber de fonte fidedigna que a questão da Ilha de Yap foi resolvida satisfatoriamente entre os Estados Unidos e o Japão, esperando-se apenas a aprovação oficial de Tokio. Tambem o mesmo informador diz que o Japão apresentou a questão de Shantung, não em termos absolutos, mas como base para futuras negociações. Diz-se que ajudará muito o exito da conferencia de Washington a atitude habil da China durante as discussões.—(R.)

Uma importante declaração de Lloyd George sobre a questão irlandeza

LONDRES, 20.

Lloyd George reafirmou que é absolutamente impossivel a reunião duma conferencia com os delegados irlandeses se estes não desistirem de se apresentar como delegados dum estado livre e soberano.

Lloyd George tem melhorado, embora lentamente, do resfriamento de que sofre e dum abcesso num dente, mas ainda tem que permanecer encerrado no seu quarto. —(R.).

O tratado franco-kemalista

LONDRES, 20.

O representante da França deixou Constantinopla dirigindo-se a Angora com o tratado franco-kemalista para o governo nacionalista assinar.—(R.).

Uma explosão em minas de carvão

LONDRES, 20.

Houve uma terrivel explosão nas minas de carvão de morte Mulligan na Queensland tendo ficado soterrados setenta homens.—(R.).

Crises ministeriais

No Canadá

LONDRES, 20.

O correspondente do «Times» em Toronto diz que a reorganisação do gabinete canadiano está praticamente feita e que Doherty, ministro da justiça e Pallantyn, ministro da marinha ficarão no govêrno. —(R.).

Na Polonia

VARSOVIA, 20.

Não tendo os partidos chegado a acordo para a formação do gabinete, foi encarregado o sr. Bonikowski director do colegio politecnico desta cidade, de formar um novo gabinete polaco, do qual serão excluidos os membros da Dieta.—(R.).

DE REVAL

Suicidio da dançarina Muramskaya

REVAL, 20.

A celebre dançarina Muramskaya que fez parte do corpo de baile imperial russo, suicidou-se, enforcando-se no cordão duma lampada electrica.—(U. P.).

Notas Mundanas

Em Sintra

A festa de ámanhã, na quinta do Relogio, gentilmente oferecida pelos seus proprietarios, para uma festa de caridade, deverá ser revestida de todo o brilhantismo, visto que a comissão organizadora a nada se poupou para que aos convidados fossem dispensadas todas as distracções possiveis. O preço de entrada será de dois mil e quinhentos réis.

Alem do «tea», servido por um gentil grupo de senhoras da nossa aristocracia, haverá diferentes barracas de tombolas, tiro ao alvo, «carroussel», passeio de barco no lago, barraca de refrescos, batatas fritas, venda avulso de bombons, e um recinto especial para dança, tocando o sexteto da «Garrett».

O sr. Eduardo de Maia Cardoso apresentará algumas vistas da sua interessante colecção.

No Monte Estoril

O Grande Casino Internacional do Monte Estoril continúa sendo o ponto mais elegante e concorrido da linda enseada azul. Todas as noites ali se reunem as principais familias da nossa aristocracia, ouvindo deliciosos concertos, admirando escolhidos programas de «films» e ainda dançando até bastante tarde. Como se vê as noites no Casino Internacional são sempre cheias de atracção e por esse motivo as salas enchem-se literalmente todas as noites.

Em Cascais

Ontem no Cinema da Praia foi novamente um elegante ponto de «rendez-vous», assistindo á sessão muitas senhoras da nossa aristocracia de entre as quais podemos anotar as seguintes:

Duqueza de Palmeir, condessas do Calhariz e da Povoa, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e filha, D. Alda Guedes Pinto Macliado, D. Maria Perestrelo Orey e filha, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho, D. Maria Isabel Perestrelo Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Augusta Pereira de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Maria Cordeiro Roquete ne Campos Henriques, D. Maria Amelia Burnay de Sande e Castro, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Teresa de Melo e Castro de Verda (Mairos), D. Maria de Almeida Mota Marques, D. Francisca Palma, D. Daisy Cohen de Betencourt, D. Berta Pinto Pacheco de Almeida, D. Maria João Pinto Pacheco Contreiras, D. Maria Margarida Canavarro Fernandes Costa, D. Julieta Holtreman Roquéte Ricciardi, D. Isaura Roquete, D. Maria Cohen Espirito Santo e Silva, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Laura de Sousa Navarro e irmã, D. Maria Amalia Rebelo Pinto, mesdemoiselles de Roure, Praias, Perestrelos, Palmas, etc.

Pontos de reunião

O «chá» no Estoril

Continua havendo grande entusiasmo pelo «chá-danse» de quinta-feira proxima, no Estoril-termas, com o «cotillon» infantil, no qual serão distribuidos inumeros brindes ás crianças.

As festas no Estoril estão de ha muito consagradas como sendo elegantes «rendez-vous», mas a de quinta-feira deverá exceder as anteriores.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Madame Belfort Ramos, D. Maria Constança de Mendonça da Silveira, D. Julia Flavia de Soura e Silva e D. Maria da Assunção de Martens Ferrão Gomes de Matos.

E o sr.:

Dr. Antonio Alves de Oliveira.

Nascimentos

Deu á luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Ema Espinhosa Seixas, esposa do alferes sr. Argentino Seixas.

—Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Augusta dos Santos de Almeida, esposa do sr. Adelino Pereira de Almeida.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Partidas e chegadas

Partiu para Londres o sr. Amerioo Silva.

—Com seu filho D. José partiu para as Caldas da Rainha o sr. marquês de Olhão.

—Com suas gentis filhas encontra-se em Cascais a senhora D. Maria Isabel Perestreio Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo).

—Com sua esposa, regresssou do estrangeiro e partiu para Cascais, o sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto.

—Com suas filhas e genros encontra-se em Lausanne, a sr.ª D. Maria Rufina de Abreu Baptista.

—Partiu para o Porto a tratar de assuntos comerciais o conceituado comerciante sr. Rafael Ribeiro.

A Associação Comercial de Lisboa conferenciou hoje com o sr. ministro das finanças

A direcção da Associação Comercial de Lisboa conferenciou, hoje, com os srs. ministros das finanças, agricultura e comercio, sobre interesses gerais do comercio.

Uma prisão

Pela policia foi preso Jaime da Conceição Costa, calçada do Cardeal, 5, 1.º, por ter falsificado um recibo no vator de 1.074$60, pertencente ao sr. Francisco Costa, rua do Caminho Forno de Tijolo, 6.

BOLETIM MEDICO

Na semana finda em 10 do corrente manifestaram-se em Lisboa 2 casos de difteria, 14 de febre tifoide e 2 de variola, e no Porto, 3 de difteria, 6 de febre tifoide e 1 de sarampo.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—Fechado.
APOLO—A's 21,30—«O burro em pé».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Companhia infantil—«O sonho do Manecas».
POLITEAMA—A's 21,15—«João Ratão».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
GIL VICENTE—A's 21—«A Martir».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
CHIADO TERRASSE—Fechado.

Ultimas Noticias

O QUE SE PASSOU EM MACAU?

UM CONFLITO PESSOAL ENTRE CHINESES E MACAISTAS

Os acontecimentos não têm a gravidade que se lhes pretende atribuir

O que se passa em Macau? Os jornais da manhã noticiaram que se tinham dado factos de certa gravidade naquela nossa colonia do oriente. Constou em Lisboa que algumas embarcações de guerra chinezas tinham entrado em atitude pouco amigavel no porto de Macau—o que, á face do direito internacional, constitue uma falta de respeito para com a soberania portuguesa. Embora não sejamos levados a crer que os acontecimentos tiveram a gravidade que se lhe pretende atribuir, procurámos junto do sr. ministro das Colonias obter a confirmação ou o desmentido da noticia que veiu a lume nos jornais da manhã. O sr. dr. Ferreira da Rocha, que naturalmente estava hoje muito preocupado com o que se pasou em Macau, não recebeu os jornalistas que o procuraram, a fim de colherem informações sobre o assunto. Parece que o sr. ministro das Colonias julga conveniente fazer em volta do caso uma politica de segredo.

Conseguimos, no entanto, averiguar que se trata de um conflito meramente pessoal entre chinezes e macaistas, que não tem ainda caracter internacional. O ministerio das Colonias não desmente a noticia que veiu á publicidade nos jornais da manhã, não se julgando por emquanto habilitado a fornecer sobre o assunto quaisquer informações á imprensa. Constanos que foram pedidas ao governador de Macau noticias telegraficas sobre os acontecimentos e que só depois de elas chegarem, o ministro falará á imprensa.

O caso dos 50 milhões

Continuam presos os srs. conde de Castro Guimarães, José Alves Diniz e Pedro de Araujo

Continuam presos nos quartos particulares do governo civil, os banqueiros conde de Castro Guimarães, José Alves Diniz e Pedro de Araujo, acusados de estarem implicados no caso dos 50 milhões de «dollars».

Cerca das 14 horas chegaram de automovel ao governo civil, os srs. Antonio de Oliveira Belo, Alfredo da Silva e Melo e Souza, que estão sendo ouvidos pelo director da policia de investigação criminal, sr. dr. Reis Junior.

A's dezoito horas informam-nos de que o sr. Antonio Belo, depois do interrogatorio a que foi submetido, saiu em liberdade. O sr. Melo e Sousa, não só pelo motivo de se sentir doente, como tambem por ter indicado nomes de testemunhas para serem ouvidas, e a hora ser adiantada, recolheu a casa, devendo comparecer novamente ámanhã no governo civil.

Correios e telegrafos

Uma comissão avistou-se hoje com o sr. ministro do comercio

Uma numerosa comissão do pessoal dos Correios e Telegrafos procurou hoje o sr. ministro do Comercio, a fim de lhe entregar um relatorio pedindo-lhe melhoria de situação, que consta de 50 % de aumento sobre os vencimentos globais para as categorias até aspirante e 60 % para os de terceiros oficiais, até directores.

Tambem pediram ao sr. ministro que não fosse aprovado o novo projecto da reorganisação dos serviços telegrafo-postais, sem que primeiro fossem ouvidas as classes interessadas.

As direcções administrativas reunem hoje.

O estado financeiro da Companhia Carris

As tarifas dos electricos

Os srs. coronel Freiria e Antonio Malheiro, director geral da contabilidade, membros da comissão nomeada pelo governo Barros Queiroz para verificar o estado financeiro da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, conferenciaram hoje com o sr. ministro das finanças, ácêrca dos trabalhos realizados até agora e que não estão concluidos devido á falta de elementos que a companhia tem de fornecer.

O centenario de Fernão de Magalães

Um credito para pagamento das despezas de representação do nosso governo

Foi para o «Diario» a lei abrindo um credito especial de 5.000$00, a fim de ocorrer ao pagamento das despezas já feitas com a comemoração do centenario de Fernão de Magalhães.

CRISE?

O sr. ministro da guerra continúa no governo

Segundo nos consta, é absolutamente destituida de fundamento a noticia, inserta num jornal da manhã de hoje, ácerca da saída do sr. ministro da guerra, como consequencia de melindres com o chefe do governo a proposito do caso Liberato Pinto.

Um ciumento desvairado

disparou tres tiros contra uma vendedora ambulante

Na rua da Praça da Figueira foi esta tarde atingida por três tiros de revolver a vendedora de rendas Clotilde Dias. Recolheu em estado grave ao hospital de S. José.

O agressor, um individuo de nome Eduardo, conhecido pelo «sobriquet», «O Russo», foi preso e conduzido para o governo civil. O motivo desta scena sangrenta foi o ciume.

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

Chegou a Cadiz o transatlantico "Infanta Izabel"

CADIZ, 20.

Entrou o transatlantico «Infanta Isabel», vindo de Buenos Aires e conduzindo 197 legionarios argentinos e espanhois que tiveram na Argentina uma grandiosa despedida, havendo grandes manifestações patrioticas e estando nos molhes mais de cem mil espanhois e argentinos, com bandeiras e bandas de musica, erguendo vivas á Espanha e á Argentina. Quatro aviões voaram sobre o transatlantico lançando-lhe ramos de flores. Os legionarios foram recebidos com muito entusiasmo nesta cidade, levantando-se muitos vivas ao exercito, ao rei e á patria. Embarcaram no vapor «Sorolla» com destino a Ceuta.—(R.).

Movimento maritimo

Entradas em 20

Vapores: ing. «Arlanza», do Rio de Janeiro; idem «Stephen», do norte; idem «Alban», de Cardiff; port. «Funchal», da Madeira; fr. «Asia», do sul; all. «Malaga», Hamburgo.

Entradas em 19

Vapores: amer. «Lake Flathery», de Anvern; all. «Ella», de Sevilha; idem «Helios», de Bremen.

Saídas em 19

Vapores: holl. «Socident», para Genova; ing. «Staffa», para Sevilha; belga «Alvier», para Rouen; esp. «Gastlen», para Valparaisb; port. «Portugal 8.º», para Portimão; ingl. «Capri», para Londres; holl. «Tosari», para «Delmy Tsingth».

Bolsa de Lisboa

Dia 20

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	43.50
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	—
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	—
4 0/0 1888	—
4 0/0 1890 coup	—
4 1/2 1888/89 ass	—
4 1/2 1889 coup	—
4 0/0 1909 coup	—
4 1/2 1912 ouro	190.
5 0/0 1917	—
3 0/0 externas 1.ª série	186.
3 0/0 » 2.ª »	—
3 0/0 » 3.ª »	185.
Acções	
Banco Colonial Português (port.	—
Banco Colonial Português (cop.	—
» Comercial de Lisboa	275.
» Economia Portuguesa	92.
» Nacional Ultramarino (ass.)	218.
» » (coup.)	—
» Lisboa & Açores	—
» Portugal	—
» Minho	—
» Português e Brasileiro	124.10
C. G. de Credito P. Português	35.10
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	137.
C. Fosf. (coup.)	85.
C. Tabacos Port. (coup.)	244.50
Portugal e Colonial	117.
Cabinda	8.15
Buzi	48.50
Ilha do Principe	205.50
Moçambique	—
Zambezia (antiga	9.50
» (nova	—
Companhia do Boror	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	50$00	53$00
s/Londres cheque	5 9/16	5 7/17
» 90 d. v.	5 11/16	—
Rio s/Londres	8 1/4	—
s/ Paris	834	854
s/ Italia	489	500
s/ Belgica	820	839
s/ Suissa	1992	2038
s/ Espanha	1511	1550
s/ Berlim	110	115
s/ Holanda	3657	3741
s/ Nova York	11613	11880
Rio Brasil	670	645
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2	—
» » » » Portugal	7 1/1	—
Agio do ouro	900	1050

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	28,54
» s/Londres	—
» s/New-York	—
» s/Berlim	—
Paris s/Londres	28,55
» s/Madrid	—
» s/Genebra	—
» s/Berlim	—
Londres s/Paris	51,75
» s/Roma	88,12
» s/New-York	3,71
» s/Berlim	391
» Amsterdam	11,79
» s/Genebra	21,65
» s/Belgica	—
» s/Suecia	—
» s/Austria	—

Os orçamentos do ministerio da marinha

O sr. Joaquim Silva, director dos serviços de contabilidade do ministerio da marinha, começou já a elaborar o novo orçamento daquele ministerio, para o futuro ano economico de 1921-1922.

†

Thomaz Bordallo Pinheiro

FALLECEU

R. I. P.

Christina de Mello Manoel Bordallo Pinheiro, Fernando Bordallo Pinheiro, sua mulher e filhas, Pedro Bordallo Pinheiro, sua mulher e filha, Diniz Bordallo Pinheiro, Maria Christina Bordalo Pinheiro, Manoel Bordallo Pinheiro, Filomena Bordallo Pinheiro Valdez e seu marido, Columbano Bordallo Pinheiro e sua mulher, Henrique Lopes de Mendonça, cumprem o doloroso dever de participar o fallecimento, no dia 19 do corrente, de seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão e cunhado, Thomaz Bordallo Pinheiro, cujo funeral se realizou em 20, para o cemiterio dos Prazeres, não se tendo feito convites por expressa determinação do finado.